

UMA CARTA DE SEGALL (*).

O que de imediato nos chama a atenção na bela carta de Lazar Segall a Will Grohmann, que transcrevemos no final desta nota é a emoção do artista recém chegado a um país estranho, escrevendo ao amigo distante. A distancia entre a Alemanha e o Brasil, que Segall percorreu e portanto sabe o quanto é longa, é descrita em termos culturais. Apesar da imensa saudade dos amigos e do país que foi o "seu" durante tantos anos, Segall se mostra entusiasmado com o novo mundo que vai descobrindo. E é exatamente enquanto *novo* que o país o comove e o enriquece.

O encontro com êsse novo mundo, exótico para êle, corresponde a um dos ideais do Expressionismo, tanto do movimento da "Ponte" quanto da "Nova Objetividade", movimentos de que fêz parte Segall, na Alemanha. Quando descreve o sub-mundo, revela o expressionista preocupado com o problema social, marcado pelas proposições da Escola da "Nova Objetividade". Entretanto, ao narrar êsse tema, sua posição não é, acima de tudo, a de um homem sensibilizado pelo drama das prostitutas como um problema social em si, mas sua preocupação maior é a de traduzir o que vê em termos pictóricos — "Por enquanto, eu vi pouco do Brasil, mas o que vi me emocionou profundamente. Casas, janelas com cortinas pretas, prostitutas pretas, ruas inteiras cheias delas, e, ao lado, palmeiras maravilhosas... As noites só existem para as prostitutas e seus amigos, além disso não se vê mais ninguém na rua. É ridículo e literariamente barato quando eu descrevo isso, mas eu penso somente em formas e talvez eu tenha a grande sorte de em algum momento captar essas formas e concentradamente me expressar através da imagem". Dessa maneira Segall mostra, talvez, um expressionismo abrandado que passou pela lição do cubismo e que gozou do contacto de Kandinsky, de cuja obra, *O espiritual na arte*, sabemos hoje que Segall era leitor entusiasta. De qualquer modo a necessidade de retratar os tipos humanos sofridos e dramáticos sempre foi uma constante na obra de Segall e o tema das prostitutas foi fixado em vários óleos e de maneira definitiva no álbum *Mangue*. Por outro lado faz uma descrição bastante pessoal daquilo que se conhece em termos gerais, ou seja, o impacto que a côr e a luz bra-

(*) Esta carta chegou às nossas mãos através de George B. Sperber, que a localizou na Alemanha, enviando-nos um xerox. Agradecemos o empenho com que tem procurado obter-nos informações sôbre o grande pintor, assim como a possibilidade de divulgação dêste documento, ainda inédito no Brasil. A carta foi publicada na Alemanha, em 1968, no livro *Lieber Freud* ("Querido Amigo — Artistas escrevem para Will Grohmann"), Karl Gutbrod, editor, Colônia, Du Mont.

Agradecemos ainda a tradução de Beatriz Sztutman, revista por Balduur Lisenberg.

sileiras exercem no artista europeu que aqui chega. Segall desembarca de navio no Rio de Janeiro e o descreve como “uma atmosfera de carnaval”; “casas como que feitas de cristal, luz, muita luz. A noite parece o dia mais iluminado, graças a um inacreditável desperdício de luz. Uma movimentação insólita das pessoas, toaletes fantásticas, mulatas muito bonitas vestidas com roupas coloridas...”.

E, nesse novo mundo, culturalmente tão diverso do seu, Segall espanta-se em encontrar uma grande informação cultural sobre as vanguardas européias. Alguns dos intelectuais brasileiros faziam constantes viagens à Europa e Segall refere-se a um deles que “acabou de chegar de Paris e trouxe lembranças de Chagall”. Talvez fôsse Rubens Borba de Moraes, Oswald de Andrade, ou Sergio Milliet.

Este é sem dúvida um depoimento insuspeito da vivacidade e da informação dos jovens intelectuais brasileiros, assinalando já na época, 1924, a liderança exercida por Mário de Andrade: “A juventude há pouco mais de um ano se juntou e precisa lutar muito contra o público e a imprensa. Seu líder, Mário de Andrade é um escritor excelente”. O grupo dos modernistas tinha por vários motivos a simpatia de Segall, principalmente porque, a luta que travavam “contra o público e a imprensa” era bastante semelhante ao desafio que lançaram os jovens expressionistas — e Segall entre eles — ao Academismo oficial na Alemanha.

Finalmente, ao falar na primeira pessoa do plural, provavelmente se refere à sua primeira mulher, Margarete Suhr, que com êle veio ao Brasil, tendo pouco tempo depois retornado à Alemanha, retorno este que consistiu na separação definitiva do casal. Ao falar no pequeno sobrado que estavam habitando, Segall se enternece, mas a descrição é a de uma casa modesta, testemunho da vida simples que levava na época. Foi a própria Margarete Suhr, atualmente vivendo no Brasil, quem nos contou que a casa referida nesta carta é um pequeno sobradinho da rua Abílio Soares, no Paraíso.

Vera D’Horta Beccari

São Paulo, 10-2-24.

“Meu querido Will,

Muito obrigado pela sua carta. Quando li suas linhas senti-me em meu antigo ambiente, junto a meus velhos amigos e fiquei feliz. As saudades da Europa e de meus amigos me sobrevêm muitas vezes e preciso me dominar bastante para não perder o equilíbrio. Embora não pareça haver diferença, entre a vida de um intelectual na Europa e aqui, na verdade a *diferença é tão grande* que a gente precisa de muita energia e auto-contrôle para não se tornar escravo da saudade. A diferença é como a que existe entre o branco e o preto, a agitação e a calma. Aquele que está acostumado ao preto e à agitação se acostuma muito lentamente ao branco e à calma. Para alguém que viveu nos últimos treze anos num país cheio de acontecimentos culturais, acontecimentos de modo geral, alguém que acompanhou tudo e viveu muito, a vida aqui é ainda mais difícil. Apesar disso

tudo, estou contente de estar aqui. Porque? Porque vivi muito tempo num lugar só, foi necessário que eu me movimentasse para não endurecer. Uma viagem para um país novo é importante. Cada lugar novo atrai cada vez mais os meus olhos. Quando o *novo* é totalmente signficante, a gente amadurece e se enriquece. Nós não nos modificamos vendo o novo, isto não é possível, mas nos desenvolvemos, e o horizonte se abre. Já falamos muitas vèzes sôbre isto mas eu gostaria de repetir neste momento que as lembranças que temos de nossa infância raramente ou nunca nos abandonam. E para quem cria, as lembranças são as fontes de sua criação, que de acôrdo com o desenvolvimento do criador se tornam cada vez mais maduras e significantes na expressão. Por enquanto, eu vi pouco do Brasil, mas o que vi me emocionou profundamente.

Casas, janelas com cortinas pretas, prostitutas pretas, ruas inteiras cheias delas, e ao lado, palmeiras maravilhosas. Casas públicas com belezas internacionais, ao lado disso mansões particulares e arranha-céus. Alguns dias são insuportavelmente quentes, outros são chuvosos como os dias parisienses de outono. As noites são inacreditavelmente belas e refrescantes. Só existem para as prostitutas e seus amigos, além disso não se vê mais ninguém na rua. É ridículo e literariamente barato quando eu descrevo isso, mas eu penso somente em formas e talvez tenha a grande sorte de em algum momento captar estas formas e concentradamente me expressar através da imagem. São Paulo é uma cidade européia. Fica dia a dia maior. Mal posso crer que em alguma outra cidade do mundo se construa tanto quanto aqui. Constantemente aparecem casas e ruas novas e a imigração também é muito, muito grande...

Há quatro semanas moramos na nossa casinha. É um sobradinho novo com uma vista maravilhosa. Pendurei todos os meus quadros e está parecendo um pequeno museu: um cantinho europeu em solo estrangeiro. Muitas vèzes recebo visitas. O mais belo foi ter sido um dia surpreendido por um grupo de jovens (14 pessoas), todos músicos, escritores, pintores e grandes adeptos da arte moderna. O meu nome lhes era familiar através de jornais, revistas e livros e sou apontado como um dos maiores expoentes da Alemanha e da Rússia. Eles vivem grande parte do tempo em Paris e na Itália e estão orientados sôbre tudo o que aconteceu na vida artística dos últimos dez anos na Europa, mas bem orientados mesmo, e possuem tudo o que apareceu nesse período em livros e revistas. Um deles acabou de chegar de Paris e trouxe lembranças de Chagall. A juventude há pouco mais de um ano se juntou e precisa lutar muito contra o público e a imprensa. Seu líder, Mário de Andrade é um escritor excelente. Ele escreveu sôbre mim um artigo muito bom e inteligente num jornal. Vou escrever bem *detalhadamente* sôbre êsse grupo e tudo mais que for importante na próxima carta...

Vai levar três semanas para você receber minha carta e seis para eu receber sua resposta, uma eternidade. Quando penso na distância que nos separa eu fico triste, eu vi muito bem essa distância e sei como ela é. É preciso muito para voltar a transpô-la. A minha lembrança mais marcante é a nossa entrada à noite no Rio

de Janeiro e também o dia que passamos no Rio de Janeiro. O Rio inteiro como uma atmosfera de carnaval. Casas como que feitas de cristal, luz, muita luz. A noite parece o dia mais iluminado, graças a um inacreditável desperdício de luz. Uma movimentação insólita de pessoas, toaletes fantásticas, mulatas muito bonitas vestidas com roupas coloridas, os europeus despreocupados e muito sorridentes. Tudo dá impressão de ter sido criado para um dia, para um dia feliz...”